

**CONTROLE PATRIARCAL E DISTOPIA DE CRÍTICA FEMINISTA
EM *VOX*, DE CHRISTINA DALCHER*****PATRIARCHAL CONTROL AND DYSTOPIA OF FEMINIST CRITIQUE
IN CHRISTINA DALCHE'S VOX***José Elias Pinheiro Neto¹Júlia Alves Evangelista²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o controle patriarcal em *Vox* (2018), de Christina Dalcher, explorando as acepções distópicas que apontam os efeitos negativos sobre as mulheres da narrativa. O mapeamento analítico, por meio das bibliografias utilizadas, aponta como as narrativas distópicas são comumente formuladas na intenção de ilustrar comportamentos nocivos e catastróficos da sociedade, frequentemente transpassados por sistemas opressores, de desigualdade e de confrontos sociais, culturais, políticos e ideológicos. O estudo crítico dessa pesquisa mostra como em *Vox* (2018), a opressão patriarcal é desencadeada pelo discurso do poder político e pelo extremismo religioso em que o partido Movimento Puro lidera, articulando para que as mulheres percam seus direitos, impondo a todas um bracelete para a contagem de cem palavras por dia. Caso ultrapassem a contagem, levam choque como punição. É investigado como o controle patriarcal estabelece medidas restritivas que silenciam e vetam a vida e o direito das mulheres [o período não está claro]. A desenvoltura dessa análise utiliza das teorias distópicas de Jacoby (2007) e Ferns (1999) para abordar a construção distópica do texto literário. As concepções a respeito da temática do poder e domínio patriarcal, recorre-se às teorias de Beauvoir (2019) e Bourdieu (1998). Assim, será analisado como a predominância do poder patriarcal presente em *Vox* encena as características verossímeis da sociedade, mobilizando, por meio da literatura, consciência política sobre os resultados agressivos diante da centralização e domínio rígido que controlam corpos femininos.

Palavras-chave: Dominação. Literatura Distópica. Poder feminino.

ABSTRACT: This article aims to analyze patriarchal control in Christina Dalcher's *Vox* (2018), exploring the dystopian meanings that highlight the negative effects on women in the narrative. The analytical mapping, through the bibliographies used, shows how dystopian narratives are commonly formulated with the intention of illustrating harmful and catastrophic behaviors in society, frequently permeated by oppressive systems of inequality and social, cultural, political, and ideological confrontations. The critical study of this research shows how, in *Vox* (2018), patriarchal oppression is triggered by the discourse of political power and religious extremism led by the Pure Movement party, orchestrating the loss of women's rights by imposing a bracelet on all women to count one hundred words per day. If they exceed the count, they receive electric shocks as punishment. It investigates how patriarchal control establishes restrictive measures that silence and veto the lives and rights of women [the period is unclear]. This analysis utilizes the dystopian theories of Jacoby (2007) and Ferns (1999) to address the dystopian construction of the literary text. Regarding the themes of power and patriarchal domination, the theories of Beauvoir (2019) and Bourdieu (1998) are used. Thus, it will be analyzed how

¹é Servidor da UEG, Campus Cora Coralina, na Unidade Universitária de Itapuranga, líder do Grupo de Pesquisa: Literatura em Interfaces: transdisciplinaridade e interculturalidade (LINTERFACES). Especialista em Ensino de Literatura (2003) pela UEG, em Língua Inglesa (2004) também pela UEG e em Direito Civil e Processual Civil (2005) pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO). Mestre em Geografia (2005) pela Universidade Federal de Goiás / Campus Catalão. Doutor em Ciências Humanas (Geografia Humana) (2017) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e Pós-doutor em Literatura Comparada (2021) pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da América Latina (PROLAM/USP).

²Mestranda em Literatura e Interculturalidade pelo PPGLLI UEG Campus Cora Coralina; Graduada em Letras - Português e Inglês pela UEG - Campus Sul/Sede Morrinhos; Graduada em Pedagogia pela UNICESUMAR; Pós-graduada em Neuropsicopedagogia institucional pela Faculdade Focus; Pós-graduada em Letras e Literatura pela Faculdade Futura.

the predominance of patriarchal power present in *Vox* stages the plausible characteristics of society, mobilizing, through literature, political awareness of the aggressive consequences of the centralization and rigid domination that control female bodies

Keywords: Domination. Dystopian Literature. Female Empowerment.

Considerações iniciais

O romance distópico *Vox* (2018), de Christina Dalcher, foi escolhido para esta pesquisa no intuito de refletir os mecanismos do controle patriarcal em decorrência da projeção distópica. É apontado como esses mecanismos de domínio, de controle e de poder, são apresentados na narrativa em conformidade com a realidade, bem como são desfavoráveis à liberdade das mulheres.

É fundamental olhar para a literatura distópica de crítica feminista como um requisito de luta e resistência que se opõe ao domínio patriarcal ultrajante aos direitos das mulheres. Para embasar a configuração do controle patriarcal exercido sobre as mulheres, busca-se em *A dominação masculina* de Pierre Bourdieu (1998).

Ao abordar a respeito da relação de domínio, Pierre Bourdieu (1998) justifica que a predisposição do poder patriarcal ocorre pela diferença entre gêneros, principalmente por crenças ideológicas, sociais e religiosas, de que o sexo masculino é mais forte, e até superior, em relação ao sexo feminino. Ele afirma que as estruturas e as narrativas sociais instauram e estabelecem sobre as mulheres funções, responsabilidades e práticas dentro da ordem social. A partir da dominação masculina, ele descreve como a força simbólica atua sobre os corpos como uma forma de poder.

A existência da mulher dentro do romance está condicionada ao retrocesso. Isso se justifica pela dominação masculina na sociedade. Os homens lideram e são soberanos. Conforme Simone de Beauvoir (2019, p. 67), a mulher “[...] se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si, não através de uma conquista ativa e sim entregando-se, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor.” Nessas condições de concentração de poder patriarcal, a mulher se submete aos domínios do homem.

A projeção distópica em *Vox* (2018) oferece ao enredo as instâncias trágicas de um regime totalitário, pois acentua e intensifica os transtornos de uma sociedade patriarcal. Jean McClean, a protagonista e narradora do romance, inicia o enredo descrevendo como os problemas e as consequências do golpe de Estado, proferido pelo partido religioso do Movimento Puro, influenciaram catastróficamente sua vida, a vida de sua família e a vida de

todas as outras mulheres. Jean vive em Georgetown, nos Estados Unidos, é uma profissional e doutora renomada do campo da neurolinguística, casada com Patrick, mãe de Steven, Sam, Leo e Sonia. Ela descreve o pouco interesse que tivera ao longo de sua jornada pelos debates políticos.

O poder do presidente Meyers, ligado ao reverendo Carl Corbin, representando o Estado, torna as mulheres integralmente sob o comando dos homens. Todas são obrigadas a usar um bracelete com o artifício tecnológico para a contagem de palavras, sendo permitido cem palavras por dia. Caso ultrapassem o limite, elas sofrem a punição de choque. É válido destacar que os representantes do Estado utilizam mecanismos discursivos de domínio e poder para manipular a população, justificando esses novos acontecimentos como forma de validar o Movimento Puro do Reverendo Carl Corbin.

A análise utiliza o livro *Narrating utopia*, de Chris Ferns (1999) e *Imagem imperfeita*, de Russel Jacoby (2007), para abordar e explorar a temática distópica, apresentando as nuances da projeção distópica a partir dos acontecimentos em *Vox* (2018) em correspondência com a centralidade patriarcal. Para compreender a funcionalidade do patriarcado e os seus recursos de poder, são utilizados Simone de Beauvoir (2019) e Pierre Bourdieu (1998).

Em vista disso, este artigo tem como objetivo analisar de que modo a organização do controle patriarcal está esquematizada na narrativa *Vox* (2018), de Christina Dalcher, compreendendo os mecanismos simbólicos, discursivos e políticos que legitimam o silenciamento das mulheres. A pesquisa se fundamenta em uma leitura teórico-crítica, associando as abordagens teóricas sobre a projeção distópica aos ensaios da crítica feminista. O artigo é composto por três disposições: inicialmente, formulam-se as discussões em torno do conceito de distopia; segundamente, examina-se a configuração do poder e domínio patriarcal na narrativa; por último, são apresentadas as considerações finais.

Acepções da projeção distópica

O termo ‘distopia’ foi atribuído por John Stuart Mill, em 1868, com a finalidade de denominar, de maneira precisa, os acontecimentos contrários aos ideais utópicos no período industrial. A representação do termo ‘utopia’ é ligada à obra *Utopia* (2003), de Thomas More, escrita em 1516, que descreve um lugar que representa o inverso dos conflitos sociais da Europa daquela época. É possível interpretar que a distopia realça e enfatiza os acontecimentos

negativos da sociedade, enquanto a utopia apresentada por Thomas More (2003) cria o imaginário de um lugar bom.

A distopia pode ser pensada em contrapartida ao conceito de utopia. O conceito de utopia é idealizado e criado a partir do romance *Utopia* (2003) de Thomas More, escrito no século XVI, na Inglaterra. A *Utopia* é a projeção de uma sociedade “ideal”, boa e inatingível, foi publicada em 1516 e foi nomeada como ‘utopia’ a partir do prefixo grego u- (negação) com o sufixo -topos (lugar), que significa e dá sentido a um lugar que não existe.

A ilha do romance de Thomas More é descrita como uma sociedade homogênea e perfeita, quando é acentuado o que é bom em contraste aos acontecimentos da Europa daquela época. Rafael Hitlodeu, o viajante e protagonista de *Utopia*, relata, assim: “sou obrigado a reconhecer que há, na república da Utopia, muitas coisas que eu desejaria para os nossos países, considerando-se ainda que a minha expectativa vai além da minha esperança de o conseguir” (More, 2003, p. 113).

A utopia, apesar de se concentrar na intenção inalcançável e relativamente conveniente, também condiciona um parâmetro político centralizado e autoritário: “Mesmo em sua encarnação grega, as utopias literárias não se limitam a conclamar os cidadãos a levar uma vida correta. Ao preverem um outro mundo, as utopias gregas implicitamente criticam o estado da sociedade” (Jacoby, 2007, p. 75).

Contrapondo-se às utopias baseadas em um ideal promissor em que a sociedade poderia alcançar a paz, o progresso e a justiça social, entende-se a distopia como idealizada e centrada em um imaginário contrário às coisas definidas como boas. Segundo Chris Ferns:

[...] as semelhanças evidentes entre a sociedade distópica e a sociedade existente incentivam um processo paralelo, pelo qual os leitores são encorajados a julgar sua própria sociedade pela medida em que ela incorpora características distópicas. Em sua paródia da utopia tradicional, o texto distópico, ao mesmo tempo, satiriza muitas características da sociedade existente — e, no grotesco espelho distorcido que apresenta à realidade, o leitor é capaz de ver, em alguns aspectos com mais clareza, até que ponto a sociedade manifesta as características distópicas de conformidade inconsciente e aceitação do controle autoritário. (1999, p. 109-110, tradução nossa)³

³ Texto original: [...] the evident resemblances between dystopian and existing society encourage a parallel process, whereby readers are encouraged to judge their own society by the extent to which it embodies dystopian features. In its parody of the traditional utopia, the dystopian text at the same time satirizes many features of existing society —and, in the grotesque distorting mirror which it holds up to reality, the reader is enabled to see, in some respects more clearly, the extent to which society manifests the dystopian characteristics of mindless conformity and acceptance of authoritarian control. (FERNES, 1999, p. 109-110)

Para Chris Ferns (1999), o gênero distópico seria, então, o contrário de utópico, apresentando como proposta central a perspectiva negativa da sociedade, como por exemplo, os conflitos sociais, a desigualdade de gênero, a força do patriarcado, regimes totalitários e ultraconservadores, o uso do medo e da punição, extremismo religioso ligado à política e o retrocesso nos direitos civis.

É passível a associação da distopia compreendida, neste estudo, ao caos em decorrência das mazelas e dos conflitos ideológicos, políticos, religiosos e culturais na sociedade. Leyla Perrone-Moisés, em *Mutações da Literatura* (2021, p. 94), aponta:

Quanto à literatura, não é de hoje que ela apresenta o homem e a sociedade em estado catastrófico e possivelmente terminal. A distopia já predominava na literatura desde o fim do século XIX. Flaubert e Dostoiévski, para citar apenas dois, já anunciavam a melancolia e a desesperança do romance moderno. E as principais obras narrativas do século XX não são otimistas, muito pelo contrário. Grandes escritores do século passado manifestaram, em suas obras, um desencanto e uma descrença radicais, que hoje vemos como proféticos.

O ensaio de Perrone-Moisés sustenta compreender os acontecimentos da ficção distópica de Christina Dalcher, principalmente como os eventos conflituosos estão dispostos em formato catastrófico, uma vez que predomina o homem e a sociedade em estágios terminais. De modo que seja expressivo, no geral, os autores utilizam os mais variados recursos que acentuam as crises sociais, sempre apresentando cenários que se comprometam com uma visão futura e catastrófica.

A autora Christina Dalcher desenvolveu a distopia *Vox* (2018), de crítica feminista, em conformidade com um sistema de controle autoritário e patriarcal. É visto no século XXI como os governos combinam os reflexos religiosos aos discursos políticos, de maneira que dominam e influenciam a maioria da população. Essa situação sempre é desvantajosa para as mulheres, que lutaram por anos por seus direitos civis. Na situação distópica de *Vox* (2018), as mulheres perdem o mais básico dos direitos: o direito à fala. A projeção distópica é compreendida também pelo poder concentrado no Estado, a democracia é inexistente e a população vive sob as ordens do governo patriarcal extremista.

O governo totalitário e opressor, em *Vox* (2018), é representado pelo presidente Meyers e pelo reverendo Carl. Eles estabelecem às mulheres, como forma para que “[...] tudo volte aos eixos” (Dalcher, 2018, p. 74), o uso de um bracelete eletrônico. Esse acessório tem como função limitar a fala a cem palavras no período de um dia. Caso seja excedido, é acionado o choque elétrico como advertência e punição.

O mecanismo de domínio e controle utilizado por um Estado opressor é característico da temática distópica e tem como objetivo amedrontar e dominar a população. A perda da liberdade das mulheres, no contexto contemporâneo, acomete diretamente os seus direitos conquistados ao longo dos séculos. Esse tipo de situação escancara a desigualdade de gênero e de como as mulheres são inferiorizadas em relação aos homens.

Sendo assim, os ensaios sobre disposição distópica fomentam a compreensão em *Vox*, demonstrando de que modo a narrativa está situada em uma organização distópica e que realça os eventos problemáticos e catastróficos das relações sociais. A ficção distópica apresenta um enredo esquematizado por um poder e domínio patriarcal, o qual organiza um sistema autoritário e que condena as mulheres às condições de cerceamento e submissão. O poder centralizado é pontuado como problemático, uma vez que as mulheres perdem seus direitos, regressam em suas condições de cidadania e de existência plena.

Controle patriarcal e concentração de poder

A narrativa de Christina Dalcher (2018) remonta situações em que as mulheres são controladas por seus maridos e pela soberania patriarcal, como afirma Melissa Cristina Silva de Sá (2019, p.138). Esse tipo de controle, opressão e violência “[...] contra mulheres em cenários distópicos ou em estados de exceção repete o que ocorre nas diversas culturas. Sua institucionalização – e, portanto, justificação – se dá por meio de micro e macro opressões contra o corpo feminino”.

Ao analisar a teoria de Carole Pateman, Neuma Aguiar menciona que o “[...] patriarcado é um sistema de poder análogo ao escravismo” (2022, p. 305). Reflete-se que a dinâmica do patriarcado estabelece disposições desiguais na sociedade, como a diferença salarial, estereótipos, violência de gênero, dentre outros; assim como beneficia e favorece o controle masculino. Assim, em *Vox*, o patriarcado é organizado por ser um sistema na sociedade em que as mulheres sofrem o domínio e a autoridade masculina sobre suas vidas, assim como nos aspectos da política, da economia e dos direitos individuais.

Pierre Bourdieu, em *A dominação masculina* (2012), apresenta o conceito de *habitus* e como ele é crucial para desenvolver e internalizar, na sociedade, as disposições de cada indivíduo. Em *Vox* (2018), as mulheres internalizam a submissão aos homens, o que pode ser definido como o *habitus*, considerando que foram aceitas as condições de domínio e opressão.

O mecanismo utilizado no romance distópico, para controlar e dominar o corpo feminino, pode ser compreendido sob os pensamentos de Pierre Bourdieu (2018), como o que ele intitula, de “dominação simbólica” (2018, p. 49), em que a competência de comunicação é realizada pela restrição e opressão. A dominação simbólica vai acontecendo em *Vox* de maneira desigual, assim como feito na narrativa, subjuga as mulheres, enquanto beneficia o patriarcado.

Percebe-se que o modelo de domínio e controle demonstra, a partir dos ideais defendidos por Pierre Bourdieu (2012), um problema de estrutura social e cognitiva que beneficia o capital simbólico. Ele defende que o capital simbólico seria, então, uma forma de prestígio e honra designada ao indivíduo masculino em determinado ambiente social. Assim, as relações do patriarcado contemplam os privilégios de poder e de domínio que são reproduzidos nas estruturas sociais.

Pierre Bourdieu (2012) descreve que a relação simbólica de poder e dominação sobre a mulher se reproduz pela hierarquia garantida nas instâncias da Igreja, do Estado e da Escola, que reproduzem a sistematização de sua exclusão e favorecem a ordem masculina. Partindo desse pressuposto, compreende-se que a relação do poder simbólico é concebida em *Vox* por meio das instituições e pelo próprio indivíduo subordinado, isso porque essa configuração de poder é articulada de maneira discreta e com discursos manipuladores. Ao apresentar sobre a perpetuação do poder simbólico, o autor explica:

O princípio da **inferioridade e da exclusão da mulher**, que o sistema mítico-ritual ratifica e amplia, a ponto de fazer dele o princípio de divisão de todo o universo, não é mais que a dissimetria fundamental, a *do sujeito e do objeto, do agente e do instrumento*, instaurada entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e reprodução do capital simbólico, cujo dispositivo central é o **mercado matrimonial**, que está na base de toda a ordem social: as mulheres só podem aí ser vistas como **objetos**, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e **cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens**. (Bourdieu, 2012, p. 52, grifos nossos)

Pierre Bourdieu (2012, p. 56) afirma que as mulheres são reduzidas à “[...] condição de objetos, ou melhor, de instrumentos simbólicos da política masculina”. As mulheres em *Vox* são vistas e tratadas como pertencentes aos seus maridos e aos homens, são engendradas como objetos e instrumentos da ordem masculina. A Igreja determina o que elas são, como instrumentos capazes de servir ao marido. O ensino escolar promove às mulheres conhecimentos e princípios que colaboram apenas para a vida de serviçal e os trabalhos de ‘dona de casa’. No exercício da cidadania, o Estado retira-lhes todos os direitos enquanto civis.

As mulheres são reduzidas, silenciadas e oprimidas diante de uma ordem política que sistematiza e naturaliza o patriarcado.

As mulheres na narrativa têm acesso restrito aos meios de comunicação, em decorrência da restrição de palavras, não podem ter acesso a computadores, celulares, livros e cadernos. Elas são impossibilitadas de qualquer ato que possa comunicar, interagir ou estudar. Esse mecanismo de controlar, manipular e restringir o acesso ao conhecimento é característico das distopias e do totalitarismo, conforme afirma Hannah Arendt em *Origens do Totalitarismo*:

Quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo (o que só é feito nos estágios iniciais, quando ainda existe a oposição política), mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias. (ARENDR, 1951, p. 303)

Em consonância com Arendt (1951), é possível perceber em *Vox* que as informações e os dados são distorcidos e influenciam a todas e todos, sobretudo, as mulheres, as mais afetadas com o uso do contador, limitadas à vida doméstica e em suas liberdades individuais. O texto distópico mostra as práticas já existentes na sociedade, o que ocorre na narrativa é uma forma exagerada que permite trazer consciência política que demonstra os impactos violentos de um sistema de controle absoluto e de doutrinação patriarcal.

Para tanto, há outra narrativa distópica de crítica feminista que apresenta um enredo com personagens femininas que sofrem o controle patriarcal relacionado a um cenário de poder político cristão. *O Conto da aia* (2006), de Margaret Atwood, escrito em 1985, aponta as consequências negativas proferidas às mulheres após a mudança da constituição para a ditadura de regime totalitário, patriarcal e teocrático em um território estadunidense.

Christina Dalcher (2018) e Margaret Atwood (2006) apresentam contextos em que as mulheres são submetidas aos desejos do patriarcado, em que os homens dispõem de privilégios sociais. Tanto em *Vox* quanto em *O conto da aia*, são configuradas as violências simbólica, mental e física a partir de sistemas velados de controle patriarcal, associado ao governo teocrático que discursa interpretações perversas da bíblia para justificar suas atitudes.

Simone de Beauvoir (2019, p. 351), em *O Segundo o sexo*, determina que a história da liberdade da mulher está vinculada à servidão imposta pelo patriarcado, uma vez que na vida “[...] ela descobre essa liberdade no momento em que não tem mais que fazer dela. Essa repetição nada tem de um acaso: a sociedade patriarcal deu a todas as funções femininas a figura de uma servidão”.

Identifica-se que a designação da mulher em uma civilização patriarcal, conforme é visto há muito tempo, corresponde à função e à posição de submissão. Beauvoir (2019, p. 188) cita: “A submissão a um senhor que lhe desagrada é para ela um suplício, diz Diderot (cf. *Sur les Femmes*).” Ainda que no casamento, a mulher tenha a sua liberdade e os seus desejos abnegados.

O valor da mulher para a sociedade é formado pela fundamentação ideológica de outro indivíduo, ou seja, é esse outro olhar que define o que é a mulher enquanto sujeito social e a sua função dentro dos papéis sociais e culturais. Simone de Beauvoir (2019) afirma:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*. (Beauvoir, 2019, p. 9)

Compreende-se que Simone de Beauvoir (2019, p. 9) menciona “torna-se mulher”, apontando como a sociedade inscreve atribuições destinadas à mulher. É observado, a partir das funções predestinadas ao sexo feminino, a perda de suas identidades, seus propósitos, seus direitos e seus objetivos. Assim, entende-se que pode ser conflitante estabelecer sobre o outro funções de submissão para que se alcance a supremacia masculina, haja vista que, o dominador se torna refém da sua posição de poder.

Ao longo da narrativa de Christina Dalcher (2018), é vista a posição subjugada das mulheres, de modo que, a submissão se torne internalizada por meio da opressão; é compreendido que nascer mulher é ser condicionada ao anseio patriarcal, em conformidade com Simone Beauvoir (2012), a mulher é vista como outro e, a partir da participação de um ‘outrem’, seu papel é definido na sociedade.

Dessa forma, os meios de poder e dominação simbólica funcionam em razão do capital simbólico e da denominação de *habitus* sendo nocivos aos direitos e à liberdade da mulher. É fundamental entender como funcionam esses mecanismos estabelecidos pelo dominador, assim, é possível desenvolver dispositivos que desmantelam a política patriarcal, bem como a mobilização das subjugadas.

Considerações finais

A disposição do controle patriarcal na sociedade, por meio da dominação simbólica, bem como os meios que ele utiliza para se consolidar, foram analisados e interpretados de acordo com os conceitos de Pierre Bourdieu (2012). Nesta circunstância, os dispositivos de domínio e poder favorecem o indivíduo masculino por meio do capital simbólico e estabelecem aos indivíduos femininos a submissão. É conferido que, após ser concebida e internalizada, a submissão é agregada ao *habitus*

A concepção de opressão em *O Segundo Sexo* (2019) viabiliza compreender que os limites e restrições concebidos às mulheres são meios de internalizar a opressão. No que tange aos conceitos de Simone de Beauvoir (2019), compreende-se que a estrutura patriarcal da narrativa consolida a denominação da mulher como o ‘outro’, determinando às mulheres a posição de subordinação em que perdem sua liberdade de expressão, sua autonomia e seus direitos.

Vox (2018) retrata as adversidades enfrentadas pelas mulheres em uma realidade sob o comando conservador masculino. A literatura distópica mostra comportamentos ultrajantes e conflitos sociais, contribuindo, consideravelmente, para o pensamento crítico na dissolução dessas inconformidades sociais, assim como reafirma a importância de garantir e assegurar os direitos das mulheres em posição de igualdade na sociedade.

Diante disso, a narrativa *Vox* mostra como os comportamentos autoritários e os discursos religiosos extremistas retomam os sistemas patriarcais historicamente legitimados, sobretudo em recursos atualizados por meio da violência simbólica. Ao compreender a distopia e a crítica feminista, este artigo mobiliza a importância da literatura distópica como movimento político e espaço de denúncia e consciência crítica diante dos retrocessos no que tange ao direito das mulheres.

Referências

- ATWOOD, Margaret. **O conto da Aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Traduzido por Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1951.

NETO, José Elias Pinheiro; EVANGELISTA, Júlia Alves. **CONTROLE PATRIARCAL E DISTOPIA DE CRÍTICA FEMINISTA EM VOX, DE CHRISTINA DALCHER.**

AGUIAR, Neuma. PATRIARCADO, SOCIEDADE E PATRIMONIALISMO. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 15, n. 02, p. 303–330, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44600>. Acesso em: 20 jul. 2024.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, 160p.

DALCHER, Christina. **Vox**. Tradução de Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2018.

FERNS, Chris. **Narrating utopia**. Ideology, gender, form in utopian literature. Liverpool: Liverpool University Press, 1999.

JACOBY, Russel. **Imagem imperfeita**. Pensamento utópico para uma época antiutópica. Tradução de Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MORE, Thomas. **Utopia**. Tradução de Pietro Masseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A ficção distópica. In: _____. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das letras, 2021. p. 220-237.

SÁ, Melissa Cristina Silva de. Corpo e violência em Oryx e Crake e O Ano do Dilúvio, de Margaret Atwood. In: CAVALCANTI, Ildney; DEPLAGNE, Luciana Calado (Org.). **Utopias sonhadas/distopias anunciadas: feminismo, gênero e cultura queer na literatura**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019, p. 131 -146.